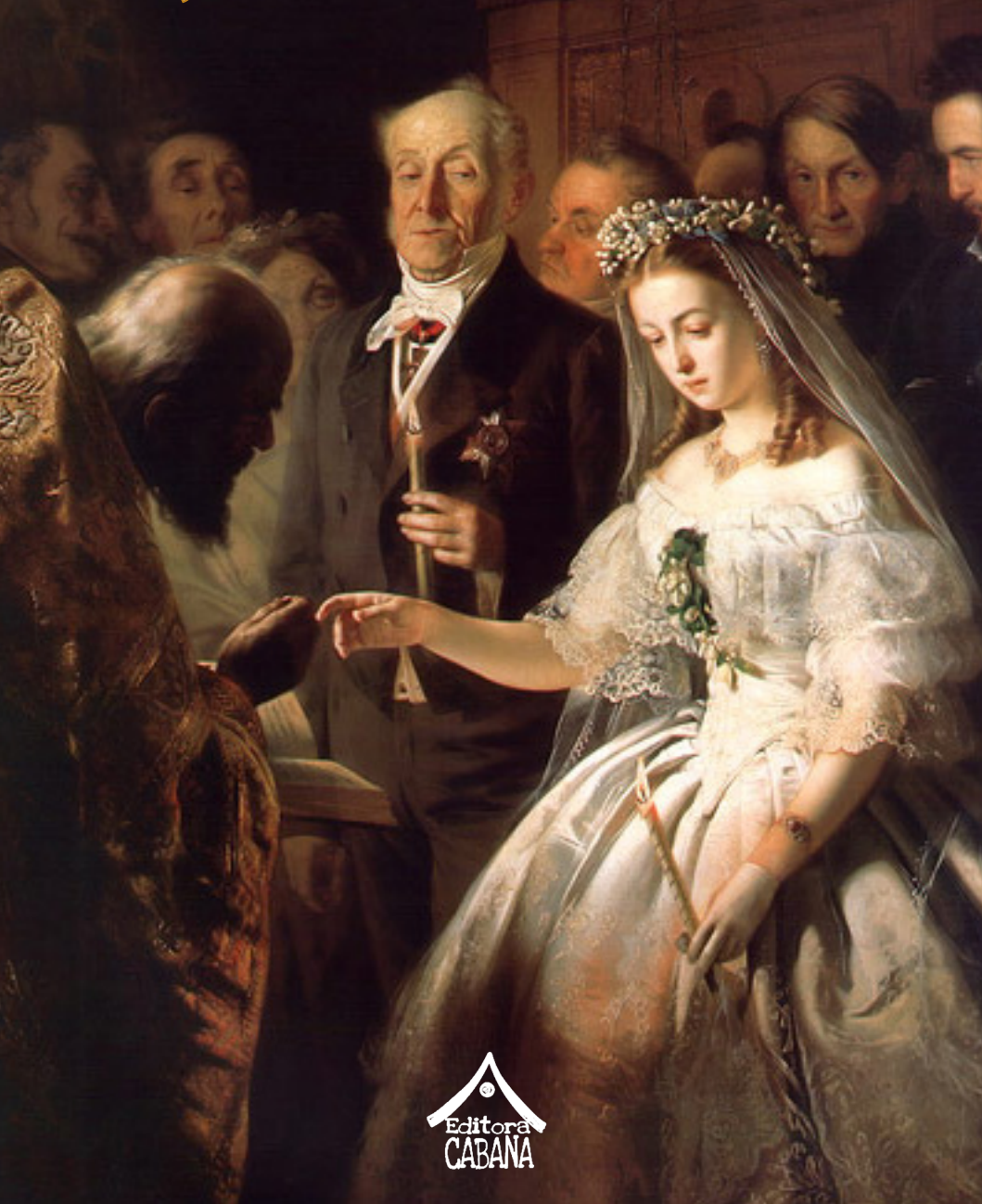


# CASAL DE DEMÔNIOS

JOSÉ EUSTACHIO DE AZEVEDO



JOSÉ EUSTACHIO DE AZEVEDO

# CASAL DE DEMÔNIOS

uma novela ambientada na Amazônia

1ª Edição



BELÉM-PA  
2020

Copyright © 2020 Editora Cabana  
Todos os direitos desta edição reservados  
O conteúdo desta obra é de domínio público

## **CASAL DE DEMÔNIOS** **JOSÉ EUSTACHIO DE AZEVEDO**

---

### **CONSELHO EDITORIAL**

---

Esp. Eder Ferreira Monteiro  
Me. Ernesto Padovani Netto  
Me. Helison Geraldo Ferreira Cavalcante

Editora-chefe:  
*Bruna Fernanda Soares de Lima Padovani*

Projeto gráfico:  
*Eder Ferreira Monteiro*

Capa, edição, diagramação e revisão:  
*Helison Geraldo Ferreira Cavalcante*

Coordenação editorial:  
*Ernesto Padovani Netto*

Imagem da capa: The Unequal marriage (1863), de Vasili Puki-  
rev.

<b>DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)</b>	
A994c	Azevedo, José Eustachio de, 1867-1943  Casal de demônios [Recurso eletrônico] / José Eustachio de Azevedo. – Belém, PA: Cabana, 2020. 56 p.: foto. ; 14x 21  Formato PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-992283-3-9  1. Literatura brasileira. 2. Romance; contos brasileiros. 3. Literatura amazônica. I. Título.

## Sumário

Prefácio	4
I- Mulher adúltera	9
II- Arma comprometedora	16
III- Pesquisas	23
IV- O desconhecido	31
V- Quem era ele	38
VI- Prisão e morte do assassino	46
Bibliografia consultada	54

## PREFÁCIO

### JOSÉ EUSTACHIO DE AZEVEDO: LITERATURA E JORNALISMO NO CORAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA

*“Felizes, senhores, os que perlustram os grandes centros; felizes, os que podem visitar muzeus e admirar aquillo que eu, provinciano desconhecido, só tenho podido apreciar, ávido do bello, através das estampas.”*

*(J. Eustachio de Azevedo)*

**N**ão é incomum que escritores, sejam eles nossos conterrâneos, ou oriundos dos mais distantes e pitorescos lugares do planeta, busquem inspiração no passado, quer se trate do passado mais próximo, ou seja, daquele que as gerações contemporâneas são capazes de lembrar, refletir e comentar, tratando-o como parte de sua própria essência, ou do mais re-

moto, daquele que assume contornos legendários, sobre o qual nem sempre é fácil estabelecer nexos e associações com o presente.

O século XIX, sobretudo na Europa, é prodigioso em escritores que recorrem a essa busca e idealização do passado. Neste sentido, podemos citar como autores emblemáticos, Alexandre Herkulano (1810-1877) e John Ruskin (1819-1900). O primeiro, português, conviveu durante sua infância e adolescência com um país tomado por invasões francesas, domínio inglês, idéias liberais e a Revolução de 20. O segundo, inglês, conviveu com o que chamava de entusiasmo desmedido e incompreensível pelas mudanças que a Revolução Industrial trouxe consigo, e tomou para si a tarefa de denunciar o que, a seu entender, estava a transformar a Inglaterra em uma nação sem passado. Para ambos, o passado deveria ser tratado como uma fonte onde era imperioso beber para sanar males presentes. Assim, eles conferiram uma nova vitalidade ao passado, entretecendo-o de ficções e realidades que cativaram os leitores do seu tempo, lhes abrindo novos horizontes (MELÃO, s/d). Desse modo, ambos voltaram suas atenções para a discussão em torno do passado nacional, abordando temas que envolviam a arquitetura, que para eles possuía uma força vivificadora, semelhante ao poder revigorante da natureza. (MELÃO, s/d).

Mas, não só na Europa havia este tipo de discussão. No Brasil, autores como José de Alencar (1829-1877) e Gonçalves Dias (1823-1864), grandes expoentes do romantismo, através de suas

obras, idealizavam o Brasil e seu passado, abordando temas e personagens simbólicos, como a natureza brasileira, tida como exuberante e bela, e o indígena, que era retratado como bravo e valente guerreiro.

A Amazônia, que no século XIX se inseriu definitivamente no capitalismo mundial, também foi rica em autores que abordaram o passado como tema gerador de debates e discussões. Nessa região, a partir de 1840, a economia passou a girar em torno da borracha. Belém assumiu, então, o papel de principal porto para o escoamento da produção gomífera. Em decorrência disso, o fluxo de capital cresceu nesta cidade, que sofreu transformações importantes em seu espaço urbano, como a construção de palacetes residenciais, praças, quiosques, avenidas e outros melhoramentos urbanos (SARGES, 2002). Em nome do progresso, o Estado buscava transformar a cidade em um centro cosmopolita, adotando as características urbanas de cidades européias, basicamente Paris. Neste quadro, o comportamento das pessoas, sobretudo as nascidas em famílias abastadas também ia se requintando. A cidade ia se transformando em um verdadeiro centro de consumo de produtos importados e as famílias ricas iam buscando criar o hábito de mandar seus filhos para a Europa, a fim de aprimorarem a sua educação em escolas francesas (SARGES, 2002).

Nesse palco, surgiram vários intelectuais que buscavam discutir o passado, demonstrando que o Pará e a Amazônia possuíam, além da matéria-prima para a produção da borracha, talento e

---

mérito literário. Dentre esses intelectuais, merece destaque José Eustachio de Azevedo (1867-1943). Ele foi um dos mais fecundos escritores paraenses, sendo muito querido e respeitado em sua época. Era poliglota e tradutor emérito, conhecendo os idiomas inglês, francês, italiano, alemão e latim. Participou ativamente das atividades ligadas à cultura na capital paraense, tendo sido uma importante liderança de grupos intelectuais, como o Grêmio Literário Silvio Romero, que editava a revista semanal Sylvio Romero (1888), literária, crítica e noticiosa; e, participou da Mina Literária (1895), uma brilhante associação de letras, que se propunha a “afrontar a burguesia chata, numa terra onde somente se cuida de câmbio e de borracha.” (AZEVEDO, In: REGO, 1997); além de ser um dos fundadores da Associação de Imprensa do Pará (1912) e de ter participado da reinstalação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1917). Notabilizou-se como redator-revisor do jornal Folha do Norte, ao qual se dedicou com afinco desde sua fundação, em 1896, e onde publicava, em suas colunas, matéria de seus livros de contos, novelas, crônicas e poemas.

Mas, a influência de Eustachio, que era um intelectual nascido e atuante no século XIX, também se manifestou, e de forma mais intensa, no século seguinte, em que estão inseridas suas principais obras. Tanto em *Anthologia Amazônica* (1904), quanto em *Literatura Paraense* (1922), vemos um Eustachio decidido a comprovar que existe uma tradição literária forte no Pará e, conseqüentemente, na Amazônia, tradição na qual

---



ele próprio está inserido e é herdeiro. Ele demonstra, sobretudo na segunda obra, um forte ressentimento em relação a autores como José Veríssimo, que ao escreverem compêndios sobre literatura brasileira, ignoraram a produção feita no Pará. Em outra obra por ele publicada, em 1920, intitulada *Bellas Artes*, podemos conferir o interesse que a cultura clássica grega e latina despertou no Pará, e a busca empreendida por Eustachio para achar nexos entre o mundo clássico e o mundo amazônico. A Belém, que pouco tempo atrás vivera o período áureo da borracha, deveria ser vista e percebida como uma herdeira da Atenas, e Eustachio seria um dos principais porta-vozes dessa genealogia.

Eustachio de Azevedo também foi escritor de diversos contos, sendo os principais publicados no livro *De capa e espada* (1917), a maioria deles ligados à literatura policial.

Em *Casal de demônios*, novela ambientada em Belém, podemos notar a clara influência de Arthur Conan Doyle na escrita de Eustachio de Azevedo. Seria o investigador principal da trama um Sherlock Holmes amazônico? Cabe a você, leitor, chegar às suas próprias conclusões.

Helison Geraldo Ferreira Cavalcante

## I- MULHER ADÚLTERA

**U**m dos crimes mais misteriosos e sensacionais de que tem sido teatro a capital do Pará, é, certamente, este de que vou me ocupar.

Por uma nevoenta manhã de dezembro circulavam os jornais de Belém trazendo como principal gazetilha a notícia em que tratavam, com todas as minúcias, de uma boa reportagem, de um crime misterioso, perpetrado na residência de um abastado e velho industrial paraense.

Para boa marcha deste conto tenebroso, e como a notícia estampada nos diários é por demais longa, vou transcrevê-la em duas doses, visto ela se tornar necessária à orientação dos leitores destas minhas memórias.

Fala A República daquela época:

*Suicídio ou crime?*

*“O pacato bairro de Batista Campos acaba de ser o teatro de um drama íntimo, sobre o qual reina o mais profundo e obscuro mistério.*

*A esposa de um dos mais abastados industriais desta terra foi encontrada, a noite passada, atirada ao chão de seu quarto de dormir, com a frente esquerda ferida por uma bala; a morte devia ter sido instantânea.*

*Seria um suicídio, seria um crime?*

*As averiguações judiciais ainda nada esclareceram; mas as circunstâncias que precederam a esta cena trágica granjearam grande número de opiniões em favor da segunda hipótese.*

*No número \*\*\* da praça Batista Campos, um dos mais belos logradouros e um dos mais aristocráticos da cidade, destaca-se uma graciosa vivenda da propriedade do sr. Thomaz Coelho, conhecido industrial.*

*A casa, de vasto jardim na frente, cheio de tufos verdes e de flores perfumosas, compõe-se de um vasto rez-dechaussée onde se acham reunidos os salões e os aposentos dos proprietários.*

*O sr. Thomaz Coelho conta 50 anos de idade, mas é forte ainda, e a sua vida deslizava pura e tranquila em companhia de sua jovem esposa, em toda a plenitude de sua graça e de sua beleza.*

*Uma ligeira nuvem toldara no entanto aquela existência: o casal sentia-se desolado à falta de filhos. E assim a afeição paternal do sr. Coelho revertia toda para um jovem de 24 anos, Mariano C\*\*\*, que se tornou comensal de casa.*

*A esposa do industrial parecia também testemunhar muita amizade a Mariano e sentia-se satisfeita e alegre em sua companhia.*

*Tanto assim que, um dia, tendo esse rapaz de fazer uma viagem ao Amazonas, madame Coelho mostrou-se presa de um grande desgosto por essa separação, não cessando por todos os vapores de escrever ao amigo ausente.*

*De volta de sua viagem Mariano C\*\*\* voou à residência de seus protetores, mas a atitude do sr. Thomaz Coelho agora era outra; o velho procurava afastar pouco a pouco de sua casa o antigo protegido.*

*Qual seria a causa dessa brusca repulsa? Correram então certos murmúrios que não passaram de mexericos da vizinhança, sobre os quais não se pode firmar juízo seguro.”*

**Aqui terminava a primeira parte da notícia da República.**

E eu agora, de posse de todos os dados desse horrível crime, colhidos, no decorrer do processo e dos debates, da boca de seus protagonistas, posso bordar a meu modo a narração, tornando-a menos dissaborida e mais amena.

Assim sendo, usando das faculdades dos romancistas de profissão, vou descrever uma cena de amor, vulgaríssima, por ser obrigada em quase todos os romances que a França nos exporta em traduções baratas.

Passa-se a cena no jardim da vivenda do velho industrial, num florido caramanchão chumbado de maracujás auriverdes.

Num banco de madeira, ao fundo, duas pessoas trocam palavras de amor. São ambas jovens. A noite vai alta.

— Nós não podemos eternamente continuar assim. São as horas mais doces e agradáveis da minha vida as que aqui passo a teu lado, Júlia! Mas é forçoso por um fim a isto por que bem sabes que nos espiam... Teu marido evita-me, desconfia da verdade e, mais dia menos dia, descobrirá estes nossos idílios e tudo acabará entre nós.

— Oh! Isso nunca, meu adorado Mariano! Meu marido é ambicioso, a minha imensa fortuna o peia, e ele nada fará, tenho a certeza. Pensei muito a este respeito. Quando ele se casou comigo, sabia quem eu era já... o ouro fascinou-o...

— Fujamos então...

— Não! Já basta de escândalos. Alberto, esse infame a quem odeio por ter sido a causa da minha vergonha, zombando, após se aproveitar de mim, agora tenta de novo perder-me.

Quero me reabilitar aos olhos do público do meu passado erro. Somos muito jovens, vivamos assim, juntinhos um do outro, nestas noites deliciosas neste formoso caramanchão, até que o velho, cansado de viver, acabrunhado e triste, morra, deixando-nos livres.

— Isso vai durar uma eternidade, meu amor!

— Não. Thomaz está por pouco. Está velho e... sabes? Uma aneurisma o persegue. Um susto, um desgosto, uma sensação violenta e o velho vai-se!

— Coitado...

— Tens dó do nosso algoz? A morte dele é a nossa vida, Mariano.

— Deixemo-lo, fuja-mos para longe, para muito longe, vamos gozar a tua fortuna, a nossa mocidade e o nosso amor, Júlia.

— Pois seja. Mas espera alguns dias mais. Quero por em ordem tudo o que me pertence.

— Falas sério?

— Sim! E não fujo, divorcio-me!

— Mas assim perde metade da tua fortuna... tens que dar metade para o teu marido.

— Sim! Mas fica-nos ainda muito, meu amor.

— Enfim, seja assim!

— Agora, adeus, Mariano. Vês? A manhã vem surgindo. Afasta-te depressa!

E os dois amantes, num amplexo demorado, trocaram o último beijo de amor, separando-se naquele dia, quando a estrela da manhã começava já a perder o cintilante brilho.

Por aquele simples diálogo percebem-se a índole perversa da madame Júlia Coelho e os seus

costumes dissolventes, desde o tempo de solteira.

Órfã de pais, herdeira de uma fortuna colossal, vivia em companhia de uma tia, quando de um fato escandaloso foi autora. Aluna ainda de um colégio superior, todas as manhãs ia às aulas sozinha, coberta de joias, irradiando beleza e luxo.

Certa manhã, ao sair do colégio, as colegas viram-na, no canto de uma travessa conhecida, rapidamente, tomar um carro que ali a esperava.

Alguns garotos seguidos por um grupo de rapazes estudantes, que se achavam postados no canto à espera também de suas parentas ou namoradas, correram no encalço da carruagem que rodava rapidamente, sem que o cocheiro ou a fugitiva pressentissem que eram seguidos.

A carruagem parou no largo do Chafariz e a mocinha entrou para uma casa ali existente.

Foi um escândalo. Aquela casa era suspeita; e quando meia hora depois quis sair, não pôde; uma multidão de pessoas curiosas permanecia de frente da casa à sua espera.

A porta abriu-se então e tornou-se a fechar-se, dando passagem a um rapaz, conhecido pelo nome de Alberto Monte, boêmio e estroina, com fama de conquistador. Entrou para a carruagem, desceu os stores e falando baixinho com o boleiro pareceu dar as ordens.

O carro atravessou, como um raio, o largo, estacionou nos fundos da casa, e, veloz como a corça, a tresloucada mocinha saltou para dentro do veículo, pondo-se este novamente em marcha batida.

A sorte, porém, não foi feita tão rapidamente que não desse tempo aos curiosos de verem a estudante fugir pelos fundos da casa, sendo os dois amantes vaiados pela garotada até perto da praça da República.

O fato foi comentado largamente e os nomes dos dois pombinhos andaram de boca em boca, ficando a mocinha muito mal vista.

O colégio riscou-a de seu quadro; as famílias recusavam a sua convivência; as associações recreativas negavam-lhe entrada para as suas festas e soirées.

Completamente alijada da sociedade, mas inteligente como era, tendo além disso o primeiro amante embarcado para o sul, clandestinamente, Júlia procurava um meio de, novamente, reabilitar-se. Foi neste estado de coisas que se deu com o velho Thomaz, que vivia do comércio de madeira, em pequena escala, e que lhe pareceu um bom partido. Capitou-lhe a simpatia; e o velho, pensando nos milhões da pequena, por ela se apaixonou de tal forma que, meses depois, sem escrúpulos, pedia em casamento a mocinha desonesta.

A velha tia de Júlia, algum tempo depois, falecia, deixando os dois casados. E o progresso material de Thomaz Coelho assim se explica: era devido ao ouro da mulher que ele fazia girar com perícia e cautela, dando vida a indústria de madeira que era sua.



## II- ARMA COMPROMETEDORA

**A**quelas cenas desenvoltas e torpes do caramanchão não eram mais do que a continuação da desonra de Thomaz Coelho, começada dentro de seu próprio teto, muito antes de Mariano ter embarcado para o Amazonas.

Na ausência do velho, quando em serviços comerciais, a esposa adúltera o traía, caindo nos braços do amante, e desonrava-o cinicamente, quando, cansado do trabalho diurno, ressonava como um justo perto do leito da esposa, moça e bela, mas já tão infame e dissoluta.

Diga-se, de passagem, que o marido traído não era um santo, um caráter austero, um homem de brio, enfim. Os seus cabelos branqueados entre ambições inconfessáveis e a falta absoluta de escrúpulos. Era muito capaz de por, como muitos, a honra em almoeda, para adquirir fortuna e tinha receio que a mulher o abandonasse, fazendo cair da posição em que estava.

Júlia, a esposa, conhecia muito bem a índole do marido e, se quisesse fazer escândalo maior, seria capaz de, mesmo na presença dele, reproduzir

as cenas do caramanchão, tendo a certeza absoluta de que Thomaz faria vista grossa, conservando-se em silêncio: tal marido, tal esposa.

Isto, todavia, era desconhecido do público, que os considerava um casal adorável, dois seres que viviam na mais santa das harmonias, um para o outro, como dois pombos, ela deslumbrante de mocidade e beleza; ele velho, mas forte ainda, vendendo saúde.

Continuemos agora a leitura interrompida do República, sobre a morte de Júlia, minutos depois de sua última entrevista com Mariano:

*“O sr. e a sr<sup>a</sup>. Coelho, depois de uma breve palestra ao findar o jantar, recolheram-se aos seus aposentos, dois quartos contíguos, separados unicamente por um frágil tabique dando para um espaçoso vestíbulo.*

*O profundo silêncio da noite caía sobre aquele bairro adormecido quando, de repente, por volta das 5 horas da manhã, um tiro de revólver ecoou lugubrememente, partido do quarto de dormir da jovem senhora.*

*Acordando em sobressalto do seu sono o sr. Coelho saltou do leito, precipitou-se aflito para o aposento de sua esposa. Achou-a estendida sobre o tapete, com a fronte esquerda ferida horripelmente por uma bala de revólver de grosso calibre, que permanecia a seu lado.*

*O infeliz esposo lançou-se consternado sobre o corpo inerte daquela que amava; cobriu-a de beijos, sacudiu-a, chamou-a, mas em vão: estava morta!*

*Então, aterrado pela espantosa desgraça que o feria, o velho Coelho correu para a rua, gritando como um louco:*

*– Socorro! Socorro! Minha mulher está morta!*

*Estes gritos lancinantes despertaram os vizinhos que, postos ao corrente do que se passava, preveniram imediatamente a polícia. Alguns instantes depois esta penetrava na residência do sr. Coelho, acompanhada do dr. F\*\*\*, que procedeu imediatamente a um primeiro exame na vítima.*

*Detalhe verdadeiramente estranho e curioso: o revólver de que se servira a senhora Coelho, não lhe pertencia. Era de propriedade de Mariano C\*\*\*, trazendo mesmo no cano de madeira e níquel as iniciais deste.*

*O cadáver foi depois transportado para o necrotério, a fim de ser feita a respectiva autópsia.*

*A polícia espera decifrar em breve este enigma sanguinolento, julgando mesmo já ter seguido o fio principal da meada.”*

Aquele revólver de Mariano C\*\*\*, que vitimou a jovem esposa de Thomaz Coelho, foi o que chamou a atenção da polícia para este drama sangrento. Não fora o revólver, e tudo passaria sem novidade aos olhos das autoridades policiais, que veriam nisso o suicídio mais natural deste mundo, fazendo-se depois da autópsia o enterro do cadáver sumariamente.

Aquele fatal revólver, repito, abriu os olhos dos galgos da segurança. Como, porém, provar a culpabilidade do dono, se este já não era comensal de Coelho, já não morava em sua casa e poucas vezes por ali aparecia? Como provar que Mariano C\*\*, era o autor do crime?

À procura deste infernal X a perspicácia da autoridade e dos agentes de segurança ia baquear, quando o subprefeito a quem estava afeito o caso teve a lembrança de chamar os criados e os interrogar.

De dois nada obtive. Houve um, todavia, que aproximando-se timidamente da autoridade, assim se exprimiu:

— Saiba v. s. um segredo que guardava comigo só, e que Deus me castigue se minto...

— Fale, homem de Deus; fale sem medo que nada lhe acontecerá.

— Saiba v. s. que minha senhora, Deus lhe perdoe, não era séria... e a sua morte foi talvez um castigo do céu, executado pela mão daquele que era o seu cúmplice.

— Vamos, continue.

O criado, chegando-se mais para o subprefeito, disse-lhe quase ao ouvido, baixinho:

— Minha ama traía o sr. Coelho, enganava-o, vivendo amancebada com o senhor Mariano!

— Que está dizendo?

— A verdade, pela luz divina! E a noite pas-

sada, antes do crime, eu vi os dois beijando-se no caramanchão, como era costume. Eu, farto de presenciar aquela pouca vergonha, fui-me deitar e dormi; quando depois acordei encontrei-a já morta. Ninguém me tira da cabeça que os dois brigaram e daí veio o crime.

— De maneira que esta noite a senhora Júlia estava em companhia deste moço?

— Sim senhor. Eu vi.

— E não viu também quando ele se retirou?

— Não, senhor. Tinha sono e eles costumavam ficar no caramanchão até quase de minhã...

Neste momento, como curioso, entrava eu no quarto fúnebre, onde o cadáver ainda jazia.

Todo o interrogatório acima foi-me revelado pelo meu colega subprefeito.

— Já interrogou o sr. Thomaz Coelho?

— Foi o primeiro. O pobre velho mete lástima e eu não o quis incomodar muito. Não desconfia absolutamente da traição da esposa, revelada agora por este criado do quarto. Não acredito, contudo, na criminalidade de Mariano C\*\*\*, apesar de ser dele o revólver homicida.

— E o que o faz pensar assim?

— As investigações e buscas que aqui fiz. O quarto em que estamos era o da vítima; não apresentava desordem nenhuma, tudo estava em seu lugar, e aquela porta que dá para o vestíbulo, hermeticamente fechada por dentro. Penso ao con-

trário dos demais: para mim houve suicídio e não um crime aqui.

Abaixei-me e examinei o cadáver de Júlia Coelho, principalmente no lugar do ferimento. Depois de refletir alguns instantes, pedi para fazer uma única pergunta ao marido consternado. Este entrou acabrunhado no aposento.

Era o vivo retrato do sofrimento e do desespero, — o velho soluçava!

— Sua senhora era canhota? Perguntei-lhe.

— Não, senhor subprefeito, não era.

— Bem; pode retirar-se.

O velho Thomaz Coelho, limpando as lágrimas, retirou-se combalido.

Voltando-se então para o meu colega estupefato por aquela minha única pergunta, disse-lhe, convicto:

— Caro colega, divirjo de sua opinião, infelizmente: essa senhora foi assassinada; trate de procurar e prender o criminoso.

— Que o induz a assim pensar? Perguntou-me o colega, mordendo os lábios de despeito e raiva, talvez.

— Vou explicar-lhe. Repare que a bala homicida atingiu a frente esquerda da vítima e, por conseguinte, é lógico que, não sendo ela canhota, seria necessário fazer com o braço direito uma forte contração muscular, das mais incômodas, para se ferir do lado esquerdo, com tanta certeza e segurança.

— Essa só lembraria ao diabo!

— Que diz dessa dedução?

— Que é assombrosa e verdadeira.

— Não é tudo ainda, colega. Repare mais que as bordas da ferida, isto é, a epiderme que a circula, não está chamuscada pela pólvora. Quando uma pessoa se suicida com um revólver, aproxima a arma tão perto da carne que ligeiras queimaduras aparecem em torno da ferida. Veja, examine bem o cadáver: essas queimaduras não existem!

E fazendo um ligeiro cumprimento, retirei-me dali, deixando enleados e atônitos os agentes de segurança e o próprio subprefeito que, à minha saída, exclamara para os circunstantes:

— É um homem extraordinário este sujeito!

Convencidos de que eu tinha razão, todas as suspeitas se voltaram para Mariano C., que nesse mesmo dia foi procurado pela polícia, preso e recolhido incomunicável a uma das células da estação de segurança pública, sendo mais tarde interrogado sobre o fato delituoso.

### III- PESQUISAS

**A**o chegar ao jardim da vivenda de Thomaz Coelho, não saí logo. Orientei-me. Lembrei-me da confissão do criado, divisei o aludido caramanchão e sondei o terreno.

Apesar de nada ter com o caso, visto outra autoridade estar incumbida das investigações, por uma natural predileção que eu sentia sempre que se tratava de um fato misterioso, entendi que devia trabalhar por conta própria.

Por esta e por outras conquistei entre meus pares inimizadas e ódios, pois julgavam tolamente que eu os queria prejudicar aos olhos do chefe de polícia, ganhando-lhe a confiança absoluta, pela minha perspicácia e bom tino, e chamando para eles o ridículo pelas suas averiguações infrutíferas.

Chamavam-me fátuo e orgulhoso, atribuindo à minha boa sorte a prisão de criminosos e não ao meu bom senso, às minhas deduções e ao meu faro especial de perdigueiro humano na caça de bandidos.



Isto, porém, não me fazia moça e, a despeito de tudo que diziam de mim, eu continuava a dar-lhes cheque, rindo-me à sucapa da sua ingenuidade.

O terreno do jardim era arenoso, percorri-o do portão de entrada, que era de ferro, com gradil do mesmo metal, até ao caramanchão, e deste até a porta dos fundos de casa que dava entrada para a cozinha.

Não foi infrutífera a minha busca. Pegadas recentes de sapato de homem iam e vinham do portão de ferro ao caramanchão, do qual, perto do qual se dividiam, indo e vindo umas para dentro do pavilhão, outras cortando em diagonal para os fundos do mesmo.

Isso deu-me muito o que pensar.

O criado viu entrar ali somente Mariano C\*\*\* e eu descobri agora pegadas de dois homens! Meditei alguns momentos sobre a descoberta e continuei nas minhas investigações partindo do pavilhão para a porta dos fundos.

Nesse percurso, do pavilhão até meio caminho, passos miúdos de mulher eu divisei no solo, indo e vindo. Daí até a entrada interior, as pegadas de ida desapareciam, surgindo então a meus olhos pasmados, confundidos agora, vestígios do mesmo pezinho mignon, vindo da porta dos fundos e pegadas novamente de homem indo e vindo até meio do espaço que ia da cozinha até o caramanchão.

Detalhe importante; o indivíduo, quem quer que fosse, era original no pisar: as pegadas em direção do pavilhão, mal se percebiam, ao passo que as de volta, eram profundas no solo, bem visíveis, em algumas das quais o tacão das botas se enterrava na areia.

Qualquer agente de segurança, por mais calouro que seja no ofício, ou mesmo o leitor atilado destas minhas curiosas memórias, já descobriu por certo a causa destas pegadas diferentes no pisar de um só indivíduo...

Mas, passemos adiante.

Em meio do terreno a minha admiração subiu ao auge; a areia, em certo local, estava revolvida e tinha uma cor escura, havendo ainda vestígios confusos de passos, em várias direções, num círculo de dois metros, mais ou menos.

O mistério complicava-se. Tinha agora a certeza matemática de que naquela noite horrível, três pessoas, três homens, haviam sido personagens desse drama espantoso, que teve como epílogo, a morte da esposa de Thomaz Coelho.

Concatenei as minhas ideias, tomei nota das minhas observações e... juro-vos, leitor! Seria capaz de, nesse mesmo instante, descrever, com firmeza e convicção, a cena principal desse crime, isto é, o assassinato da senhora Júlia Coelho, apontar o seu assassino e o local em que o crime foi perpetrado, a despeito da finura de raposo do criminoso.

Adiante, todavia, um ponto: Dona Júlia Coelho, como já devem ter percebido, não foi assassinada no seu quarto de dormir, o teatro do drama foi ali, no jardim, e aquela areia revolta, de cor duvidosa, continha os veios de sangue da vítima, ao cair por terra, mortalmente ferida.

Uma coisa apenas me intrigava. Dois dos indivíduos eram-me já conhecidos; restava-me o terceiro, o que tomara a direção em diagonal, indo colocar-se ao fundo do caramanchão.

Quem seria? Que fora ali fazer? Mistério... enfim, nada mais descobrindo que merecesse importância, retirei-me dali para casa, estudando o meu plano de ataque, enquanto que o meu colega, sem nada desconfiar das minhas pesquisas, julgando cantar vitória, começava o interrogatório na estação central, na pessoa do indigitado criminoso, que era, como devem estar lembrados, Mariano C\*\*\*, a meu ver completamente inocente e ileso da ação infame que lhe imputavam.

Não foi sem surpresa que o moço amante da adúltera teve conhecimento do fim trágico daquela que adorava.

Caíram por terra todos os castelos dourados que tinha arquitetado de uma vida opulenta e todos os seus sonhos de amor ao lado de Júlia Coelho, gastando ambos a bonita fortuna de que ela era senhora, em viagens deliciosas através de países europeus, vendo e admirando as belezas e as maravilhas do velho mundo.

E maior foi o seu assombro quando foi intimado a comparecer à polícia, seguido e guardado por praças, como um criminoso.

Quis protestar, mas viu que perdia o seu tempo em discussão inútil com aqueles homens de aspecto sombrio e grosseiro, prontos a caírem sobre si de chanfalho em punho, crentes de que assim cumpriam o seu dever.

Seguiu pois, constrangido e magoado, para a estação central da polícia, ferozmente escoltado, sem mais dizer palavra.

Ali chegando, à autoridade encarregada dos inquéritos e de desvendar o mistério de Batista Campos começou os interrogatórios.

— Como se chama?

— Mariano C.

— Sabe por que foi preso?

— Ignoro.

— Há graves suspeitas e até um indício poderoso, que o compromete bastante, sobre um crime que acaba de ser realizado em Batista Campos, e do qual foi vítima uma senhora de suas relações. Não ouviu falar ainda do assassinato de dona Júlia Coelho, perpetrado esta madrugada?

— Esse nefando atentado, efetivamente, chegou ao meu conhecimento poucos minutos antes de me prenderem...

— Onde esteve esta madrugada?

Mariano C\*\*\* ignorava a revelação do criado à autoridade, com relação à sua entrevista essa noite com Júlia; amava-a de veras e, não a querendo comprometer de forma nenhuma, respondeu:

— Não saí de casa, tendo me recolhido às 10 da noite.

— O sr. mente!

— Senhor! Digo a verdade!

— O senhor foi visto, há testemunhas, horas antes de ser cometido o crime, no jardim da residência de Thomaz Coelho em companhia... de sua vítima!

Mariano empalideceu horrivelmente e cambaleou passando a mão pela frente.

— Nega ainda?

— Não saí de casa! É uma infâmia essa afirmação! Dona Júlia Coelho era uma senhora honesta!

— Pode ser. O fato é que o senhor lá esteve algumas horas em entrevista com ela, dentro do velho caramanchão do jardim! Que faziam? Que motivo o levou ali? Fale, senhor.

— Nada mais tenho a dizer, quem isso afirma, — mente! Eu não saí de casa, repito!

— Olhe que se compromete, senhor Mariano! A polícia está ao fato de tudo, e as provas de sua culpabilidade aumentam assim com essa obstinação... Houve quem o visse no jardim. Continua a negar?

— Nada sei. Nada mais direi.

— Muito bem. E esta arma, reconhece? — disse o subprefeito mostrando o revólver encontrado aos pés da vítima, — Sabe a quem pertence?

— Essa arma é minha! — respondeu Mariano, meio alucinado.

— Ora, até que enfim! — exclamou a autoridade, sorrindo. — Confessa então o crime?

— Nunca! Não cometi crime nenhum! Estou inocente!

— Isto é o que veremos. Este revólver, senhor, foi encontrado detonado junto do cadáver de dona Júlia e a bala extraída na autópsia dele saiu!

— Que tenho eu com isso?

— É boa! O revólver pertence-lhe, tem as suas iniciais no cabo, e ainda pergunta o que tem com isso. Como foi então esta arma parar com a vítima?

— Não sei explicar. Esse revólver, morava eu ainda em casa de Thomaz Coelho, quando desapareceu do meu quarto de dormir; atribui esse fato a um roubo praticado por algum dos criados da casa e pouca importância dei a isso. Há mais de 8 meses o tinha como perdido!

— Realmente o senhor é muito cínico! Atrave-se a mentir assim tão descaradamente!...

— Senhor! O senhor insulta-me, e creio não ser esse o seu papel! Tenho o direito de não trocar consigo nem mais uma palavra, porque as asperezas de suas frases ferem fundo a minha dignidade

de homem! Continuo, contudo, apesar de tudo se revoltar contra mim, a dizer que não sou criminoso e, debaixo de minha palavra de honra, que estou completamente inocente do crime que me acusam!

## IV- O DESCONHECIDO

**M**ariano foi de novo recolhido ao xadrez. A autoridade policial ficou seriamente contrariada com as últimas palavras do indigitado criminoso, tanto mais que ele falara com voz firme e segura em que transparecia sinceridade.

Não desanimou, contudo; havia lidado com criminosos de cinismo revoltante, que respondiam sem reboços a todas as suas perguntas, mas que, atacados por todos os lados, sucumbiam, afinal, confessando o delito.

Com Mariano devia dar-se o mesmo fato. Mandou, por conseguinte, chamar à sua presença o criado de Thomaz Coelho, que afirmara ter visto aquele em companhia da assassinada, na noite justamente do crime, e, frente a frente um do outro, acareou-os, testemunha e réu.

O criado acusou com alma o infeliz Mariano. Disse que o tinha visto no jardim da casa de seu amo, naquela noite fatal; que dona Júlia o recebera no pavilhão; que os deixara juntos, em confabulação secreta e criminosa; que seria capaz de



jurar que, se dona Júlia foi assassinada, o assassino era ele, Mariano, a menos que não se quisesse formular a hipótese, absurda e inadmissível, dela ter sido assassinada pelo marido.

O criado falava com voz vibrante e clara, filha da indignação de que parecia estar possuído, convencido mesmo de que o assassino de sua ama estava ali, em sua presença.

E Mariano, diante desta tremenda acusação, estremecia, recuava, empalidecia, soltando, de quando em vez, exclamações de assombro, ao ouvir aquele acusador formidando construir a trama diabólica de sua perdição.

Depois daquele libelo acusatório que o comprometia gravemente, Mariano foi de novo interrogado.

As suas respostas foram as mesmas.

Continuou a negar que tivesse ido àquela noite à casa de Thomaz Coelho; que tivesse tido a entrevista com a esposa deste, como afirmara o criado; que dona Júlia era uma senhora digna e honesta; que aquele criado era um seu desafeto que o procurava perder e que, finalmente, ia agora revelar uma suspeita que lhe atravessara o cérebro: o revólver cuja bala ferira de morte D. Júlia era, de fato o seu; mas a meses lhe fora roubado do quarto que ocupava quando hóspede de Thomaz Coelho; que esse roubo só poderia ser praticado por um criado da casa: não teria sido o seu gratuito acusador, ali presente, o ladrão do revólver, há meses, e, agora, o assassino de D. Júlia?

— E qual o fim do assassinato? Perguntara a autoridade perplexa.

— Essa pergunta era a que eu desejava fazer a v. s.<sup>a</sup> ao me prender como suposto assassino. Com que fim teria eu assassinado essa senhora? Dada a hipótese de que nós nos correspondêssemos: um amante não mata a outro pelo simples prazer de matar.

Enfim, pesquise v. s.<sup>a</sup> o caso. Eu continuo a jurar e a dar a minha palavra de honra que estou inocente desse crime infame. Espero tranquilo e calmo o final da tragédia.

O que lhes posso garantir é que entre nós dois, eu e este criado, o acusado e o acusador, se há um assassino, não sou eu, por certo.

O criado ao ouvir estas palavras desandou num chorrilho de invectivas contra Mariano C\*\*\*, obrigando a autoridade a lhe ordenar que se calasse; e como as palavras deste haviam lhe calado no ânimo, mandou, por prudência, recolher também ao xadrez o criado de Thomaz Coelho que, na verdade, bem poderia ser o criminoso.

Não se tem visto os criados matarem os patrões para os roubar, ou simplesmente para se vingarem de maus tratos, de desatenções recebidas?

Ora, enquanto tudo isto se passava na estação de segurança pública, eu, manhosamente, tomava outro rumo... Comodamente deitado na minha tipóia, saboreando um delicioso charuto, vendo o fumo azul, em espirais caprichosas, subir ao teto, cogitava no caso, pensando no misterioso

personagem cujas pegadas eu distinguira, em diagonal, tomarem o rumo do pavilhão, indo se colocar ao fundo do mesmo.

Este indivíduo intrigava-me horripelantemente. Não sou, todavia, homem de pensar muito sobre um fato; abandono-o logo, para mais tarde, de novo pensar nele.

O charuto inspirara-me. Saltei da rede, fui ao baú de minhas transformações e, vestindo-me miseravelmente, como um vagabundo de profissão, caracterizei-me como tal e saí.

O meu plano estava traçado. O acaso que foi sempre um dos meus bons amigos, não me havia de abandonar.

Dirigi-me, como quem não quer nada, para a residência de Thomaz Coelho, em Batista Campos. Ali chegando, entrei numa taverna, pedi 300 réis de camarão do Maranhão e um pouco de farinha, mandei embrulhar aquilo e fui me assentar, muito filosoficamente, junto a um cercado, mesmo em frente a casa do Coelho. Podia daquele observatório ver tudo quanto desejava, sem ser reconhecido.

À hora do almoço, ainda nada se havia dado de anormal. Desembrulhei o pacote e, como um boêmio ao sol, comecei a saborear os camarões, salgados como o diabo, acompanhados por macheias de farinha d'água.

Se a refeição não foi boa não foi também das piores. Foi por essa ocasião que passou por junto de mim o dr. Thomaz Ribeiro, então chefe de se-

---

gurança pública. S. s.<sup>a</sup> olhou-me e passou murmurando:

— Pobre diabo!...

— Quis levantar-me e dizer-lhe que se havia enganado, mas para quê? Deixei que S. s.<sup>a</sup> seguisse na doce ilusão de que encontrara mesmo um pobre diabo, para mais tarde, então, contar-lhe que eu o havia burlado.

E deixei-me ficar no meu posto.

Nesse dia perdi todo o meu tempo. Nada colhi que me elucidasse. Tinha, porém, a convicção inabalável de que daquela observação me viria muita luz.

Por isso, às 8 da noite, cansado de fazer sentinela, dei-me a reconhecer à patrulha de ronda; combinei para que espionasse a casa de Thomaz Coelho, que visse quem entrava ou saía e que, ao ser substituída, à meia-noite, transmitisse minhas ordens à praça de plantão.

Isto feito recolhi-me aos penates, dormindo de um sono só.

No dia seguinte lá estava eu de novo em observação.

As praças também nada me adiantaram. A casa de Thomaz Coelho permanecia fechada, como que abandonada, dando sinal apenas de que lá havia habitantes a entrada e saída dos criados que iam às compras, ou um recado qualquer.

Eu, todavia, não desanimava.

Até que, finalmente, pelas 3 horas da tarde do segundo dia, vi aproximar-se da casa do industrial um indivíduo desconhecido, trajando ao rigor da moda, moço ainda e de elegante porte. Ao chegar junto ao portão parou, puxando a campainha. Veio um criado ver quem era.

O indivíduo entregou-lhe um cartão de visita e, momentos depois, dava entrada na residência lutuosa.

Dava tudo quanto possuía para assistir à conversação de Thomaz Coelho com ele. Infelizmente isso era impossível. Consolei-me em esperar o final da conferência para ao depois seguir o elegante visitante.

O negócio pareceu-me complicado porque foi longa a palestra. Por fim, uma hora depois apareceram os dois, visitado e visitante, no jardim, vindo Thomaz Coelho trazer até junto do portão de ferro este último.

Eu havia mudado de pouso e achava-me agora assentado perto do aludido portão...

Ao despedirem-se ouvi claramente Thomaz Coelho dizer:

— Amanhã, sem falta, às 8 da noite!

O desconhecido respondeu:

— Espero-o. Até logo!

E retirou-se muito tranquilamente a pé.

Deixei que se afastasse um pouco e segui-o à curta distância.

O nosso homem caminhava lentamente, descendo a travessa de S. Mateus, parecendo não se preocupar com coisa alguma.

Ao chegar ao canto da rua Conselheiro Furtado, parou, como que procurando-se orientar, olhando para todos os lados, feito o que de novo continuou a caminhar, travessa de São Mateus abaixo.

Eu agora segui-o de perto, muito naturalmente, nada dando a perceber do meu propósito. Nessa ocasião descia também um bond elétrico com a velocidade do raio.

O desconhecido então parou rapidamente de andar e tomando o bond de assalto, sem que me desse tempo de o seguir, sentou-se num dos bancos traseiros, com toda a naturalidade.

Como é fácil de calcular eu não o pude seguir mais e reconheci que o desconhecido havia notado que era seguido por mim, fugindo desta forma engenhosa da arapuca que eu lhe queria armar.

Quem seria?

## V- QUEM ERA ELE

O desconhecido que tão limpamente me cinzara, teve artes de descobrir em mim um espião, sem que eu, apesar de minha longa experiência de autoridade policial, suspeitasse ao menos da sua descoberta.

Era, por conseguinte, um adversário temível e fino esse com quem tinha de me avir. A partida que me pregara, todavia, mais agitou o meu amor próprio e desde logo jurei que o apanharia, fosse como fosse.

Assim que o vi executar aquele pulo de um verdadeiro acrobata, parei, e esperei que o bond elétrico desaparecesse de todo, observando os movimentos do fugitivo.

Não se moveu do lugar em que se assentara, até que o carro desapareceu, então, rapidamente, voltei para trás, dirigindo-me resoluto para a casa de Thomaz Coelho, já com um plano traçado.

Ali chegando, puxei o cordão da campainha e esperei.

Veio ver quem tocara a campainha o mesmo criado que recebera o desconhecido.

— Quem tocou, perguntou?

— Fui eu.

— Que deseja? Meu amo não está em casa. — Disse o criado tomando-me por um pedinte.

— Não é dele que eu careço; é de você.

— De mim? E o que quer então?

— Diga-me: conhece o moço que acabou a pouco de sair daqui?

— Não conheço. E se é só para isso que me incomodou, até logo, tenho mais que fazer, tornou o criado, fazendo uma pirueta e dando de andar.

— Olhe, venha cá, por obséquio. Eu estou aqui a mandado de uma pessoa que deseja saber quem é esse moço e se você me ajudar... veja, receberá isso que me deram para lhe entregar.

Assim dizendo mostrei uma cédula de 10\$ novinha em folha.

O criado voltou solícito, dizendo:

— Ah! Isso são outras falas... mas infelizmente, como já lhe disse, não conheço a visita.

— Há um meio de conhecermos.

— Qual é? Explique-me.

— Sabe ler?

— Alguma coisa.

— Magnífico! Você a pouco levou um cartão



de visita desse moço para o seu patrão. Sabe onde ele está?

— Meu amo recebeu-o e creio que deixou em cima da jardineira, ou então guardou-o no porta-cartões.

— Não será capaz de o reconhecer?

— De certo que sim.

— Pois vá sorratamente à sala, veja se o bispa e traga-me o nome que nele está escrito, feito o que lhe passarei a nota de 10\$.

— É fácil. Espere-me um pouco, eu já volto.

— Olhe, se seu amo perguntar quem bateu, dê-lhe uma desculpa qualquer.

— Isso fica a meu cuidado.

E o servente interesseiro afastou-se rapidamente, voltando momentos depois.

— Então, descobriu?

— Descobri. O cartão estava já no meio dos outros, mas eu o reconheci logo.

— Como se chama o sujeito?

— Alberto Monte.

— Onde mora?

— O cartão só trazia o nome dele.

— Diabo!

— Mas o meu amo escreveu por baixo do nome, a lápis: Aristides Lobo, 68, primeiro quarto, puxada... creio que deve ser a moradia do sujeito.

— Muito bem! És um rapaz inteligente. O prometido é devido: aqui tens os dez mil réis de gorjeta.

— Obrigado! Se quiser mais alguma coisa, aqui estou.

— Nada mais quero, se não que me guardes absoluto silêncio do que se passou entre nós, ouviste?

— Sim, senhor. Serei mudo como uma pedra.

— Adeus!

— Adeus!

Não havia tempo a perder. E vejam os senhores o que é a gente às vezes não reflexionar bem.

Se eu tivesse pensado melhor, não teria sido descoberto pelo desconhecido, que já agora chamaremos Alberto; ter-me-ia deixado ficar no posto primitivo e, quando o visse longe, usaria do expediente que acabava de por em prática com magníficos resultados. A precipitação nas pesquisas policiais é quase sempre de mau efeito.

E agora, que já estamos senhores do nome e da moradia do nosso herói, permitam-me os leitores que lhes pergunte se já se não lembram dele...

Alberto Monte é já nosso conhecido velho; seu nome figura no primeiro capítulo deste conto e não é outro se não o primeiro amante da infeliz Júlia Coelho...

Agora a coisa me parecia clara como água e não sei como não saltei de contente, ali mesmo, ao ouvir o criado pronunciar o seu nome!

Dirigi-me imediatamente para casa, a fim de tirar o meu disfarce e continuar nas minhas investigações.

Depois de completamente transformado e quando já ia a sair, tal qual sou, isto é, sem disfarce, aparece-me à porta o meu colega, a quem estava affecto o caso que, por meu lado, procurava deslindar. Vinha murcho e desanimado.

— Olá! Por aqui, meu amigo?! Já sei que temos novidades.

— Nenhuma, caro amigo. Venho apenas dizer-lhe que me encontro em situação bastante embaraçosa, sem ver meios de sair de um intrincado labirinto, pior que o de Creta!

— Ah! Trata-se, talvez, do crime de Batista Campos?

— Exatamente! Tenho presos dois homens por suspeitos autores do atentado. Ambos se defendem de maneira firme e sem titubeios, apesar de haver provas que os denunciam. O que, porém, não deixa haver dúvida, é que essas provas são vagas e por elas unicamente não se pode condenar ninguém. Finalmente se nada mais surgir que as consolide, sou forçado a soltá-los, deitando uma pedra em cima do fato e deixando o crime impune.

— Isso é o diabo...

— Que quer que eu faça? É justamente por isso que venho aqui consultá-lo sobre o que devo fazer. Isso vexa-me bastante, como deve compreender, mas não há outro remédio, porque dois cérebros sempre pensam mais do que um só...

— Diz muito bem, colega. E eu já o esperava.

— Sério?

— Digo-lhe a verdade.

— Que devo, pois fazer?

— Ouça. Primeiro que tudo, os dois homens que detém em custódia estão completamente inocentes, e convém soltá-los.

— Estão inocentes?!

— Estão. O verdadeiro criminoso ri-se da polícia, mas não será por muito tempo.

— Já o descobriu?

— Já, ou antes, creio que já o descobri.

— Quem é, pode-me dizer?

— Posso. O verdadeiro criminoso é o próprio marido da vítima...

— Isto é impossível! O velho Thomaz Coelho? Como?

— Não digo mais nada, porque não posso perder tempo em palestras inúteis. E já que veio pedir o meu concurso, de bom grado dou-lho, pedindo, desde já, que me acompanhe até a rua Aristides Lobo, onde se encontra encafuado um dos personagens deste drama sangrento.

— Estou pronto, vamos!

— Está armado?

— Trago o meu revólver S. W.

— É quanto basta. Vamos. Vai o meu colega apreciar o diálogo mais interessante de sua vida, entre este seu criado e um elegante rapaz, que teve a suprema esperteza de fugir-me das mãos à primeira vez, porém que desta vai se ver em calças pardas e reconhecer que comigo é muito perigoso brincar.

— Sigamos, pois!

— Vamos.

Sáímos. Bati o trinco da porta e dirigimo-nos para o lugar indicado.

Subimos a rua Padre Prudêncio e, ao chegarmos ao canto da Aristides Lobo, consultamos a numeração dos prédios.

O de número 68 ficava para os lados da travessa 1° de Março. Continuamos, pois, o nosso caminho observando a numeração.

— Previno-o de que o ataque deve ser brusco, a fim de que o homem, atordoado, dê de língua, respondendo às minhas perguntas.

— De acordo.

— Ao menor movimento que ele fizer de evasão ou de ataque, atire-lhe nas pernas, de maneira que fique inutilizado para a fuga ou defesa.

— Descanse, que o patife não nos escapará dessa vez.

Assim combinado o nosso plano de ataque, chegamos ao número indicado. O prédio 68, da Aristides Lobo, fica entre as travessas 1º de Março e 15 de agosto. Era um conventilho, um cortiço, como ainda o é hoje, moradia de um enxame de mulheres públicas e de desclassificados e espertalhões que vivem de expedientes inconfessáveis e torpes.

Antigamente, fora ali uma casa de pensão de cortesãs de fácil acesso, havendo, todos os sábados, bailes improvisados, onde o maxixe reinava e a prostituição dava as leis.

Finalmente, o nome famoso, pelo qual até hoje esse prédio é conhecido, não haverá em Belém quem o não tenha ouvido pronunciar uma vez, ao menos, tão célebre ele se tornara outrora pela boemia de antanho: Alberto Monte, o rapaz à caça de quem íamos, residia no antigo “Centro das Flores”, numa promiscuidade de abelhas mestras e contistas do vigário.

## VI- PRISÃO E MORTE DO ASSASSINO

**E**u tinha quase a certeza de que encontraria Alberto Monte em casa, pela necessidade que ele tinha de avisar o velho Coelho, no sentido de não ir à entrevista combinada, para não ser por mim surpreendido.

Entramos, pois, no “Centro das Flores”, com surpresa de seus moradores e, no primeiro quarto da puxada, que se achava fechado, batemos.

— Quem é?! Perguntou-nos irritada uma voz.

— Abra, em nome da lei.

Imediatamente foi-nos facultada a entrada e Alberto Monte, pois era ele, perguntou-nos:

— Que desejam, senhores?

— Conversar consigo alguns instantes e levá-lo preso se não responder cabalmente às perguntas que lhe vou fazer.

— Falem; que me querem!

— Que nos conte pormenorizadamente tudo quanto sabe sobre o crime praticado a pouco

em Batista Campos, isto é, sobre o assassinato de D. Júlia Coelho, sua ex-amante.

— Nada sei a esse respeito.

— Começa a mentir. Vou elucidá-lo. Na noite do crime o sr. penetrou no jardim e, cautelosamente, foi colocar-se atrás do caramanchão, no intuito de ouvir a palestra daquela senhora com o novo amante...

— Mas...

Cale-se e ouça. Seu fim era abordar a vítima para fins que não pude descobrir; vendo, todavia, que D. Júlia ao despedir-se do amante, era também espiada pelo marido, o sr. conservou-se quieto no seu observatório. Deu-se então o encontro, no jardim, dos dois esposos; houve troca de palavras e por fim Thomaz Coelho assassina a mulher.

Depois, apagou os vestígios de sangue, na areia, carregou a vítima para o quarto de dormir, fechando a porta por dentro. O sr. então saiu do seu esconderijo e ausentou-se para mais tarde ir exigir do assassino o preço de seu silêncio...

Enquanto eu falava o meu colega não cessava de brincar com o revólver, não perdendo de vista o nosso homem.

— É ou não verdade tudo isto?

— Já que está tão bem informado, para que negar? Apenas tenho a acrescentar que meus fins eram reatar as minhas antigas relações com a assassinada, por quem nutria verdadeiro amor, — mais nada.



— Acredito-o. Agora, já que se mostra tão bem disposto a auxiliar a polícia, peço-lhe que nos conte o que ouviu na noite do crime dos lábios dos esposos. Que diziam?

— O marido ultrajado abordou a mulher...

— Continue...

— Peço-lhes desculpa; mas se confessar tudo, garantem-me os senhores a liberdade e meios de me ausentar desta terra?

— Quanto ficou o velho Coelho de lhe trazer amanhã, às 8 horas da noite?

— Dois contos de réis.

— Pois serão seus. Quem rouba a ladrão... agora, prossiga.

— Sendo assim, lá vai. O velho abordou a mulher, travando-se o seguinte diálogo, mais ou menos:

— És uma mulher infame! Atraiçoavas-me, Júlia!

— Perdoa-me!

— Ouvi tudo! Queres fugir de mim, queres intentar divórcio, escandalizando a nossa vida honesta, miserável!?

— Não me insultes!

— Sempre foste perversa, mas esse divórcio de que falaste há pouco, ao teu amante, não se realizará!

— Por quê?!

— Um marido ultrajado vingá-se!

— Que queres dizer com isso?!

Então, o velho, aproximando-se mais de sua vítima aterrada, disse-lhe quase imperceptivelmente:

— Que me vingó, porque quero que seja minha toda a tua fortuna, e porque víboras como tu não se poupam!

Thomaz Coelho apontou a arma para a esposa, puxou o gatilho e o tiro partiu vitimando-a. O resto já o senhor sabe como foi: passou-se tal qual acabou de narrar aqui.

Voltando-me para o meu colega, perguntei-lhe:

— Então, o que lhe dizia eu?

— Na verdade, é assombroso isto! Como aquele velho soube fingir, lamentando a irreparável perda da mulher, chorando como uma criança! Que grande artista não daria!

— É isso: um verdadeiro casal de demônios — ela, perversa e adúltera; ele, assassino e ambicioso.

Mas, não percamos tempo. E, vendo em cima da mesa que servia de secretária a Monte, uma carta fechada, mas ainda sem sobrescrito, pois ele não tivera tempo de o escrever, disse-lhe, sorrindo:

— Já agora aquela carta é desnecessária. Tenha a bondade de rasgá-la; esse aviso não deve ir às mãos do velho Coelho.

— Como?

— Deixe de palavra. Você acaba de escrever essa carta avisando o assassino para que não venha amanhã aqui como haviam combinado, porque eu os espio!

E, apoderando-me da carta, sem escrúpulo algum, abri-a, li-a, e dei-a a ler ao meu colega.

— Veja; é tal que eu acabo de dizer! De resto, era de prever isso!

Agora vamos ao final da peça, meu caro. O sr. vai ficar de sentinela à vista, até amanhã. Não sairá daqui. Vou chamar praças e estacioná-las aqui, à paisana, para não dar na vista. Voltarei amanhã, à tarde, preparado para arranjar um disfarce que me faça tão parecido consigo, como se o senhor estivesse em frente de um espelho. Quem receberá o velho, serei eu. O sr. se esconderá atrás de um móvel qualquer, em companhia de meu colega, que ouvirá também tudo quanto se vai passar. Feito o que, descubro-me, faço entrar as praças, prendo o criminoso confesso e c'est fini.

— E os meus dois contos de réis?

— Ficarão em cima da mesa, assim que sairmos, o senhor apodera-se deles e... mosca-se!

— Obrigado, senhor.

— Tá tá tá! Não tem que me agradecer, porque a polícia irá a sua caça. Trate, pois, de fugir como puder. O que lhe posso é não meter-me nessa busca, e olhe que é grande coisa já...

O subprefeito, meu colega, tudo ouviu boquiaberto, como um palerma, sem nada a dizer e concordando com tudo. Virando-me para ele acrescentei:

— Vou buscar praças. Fique aqui de sentinela até eles chegarem. Depois corra a soltar os dois pobres diabos que estão presos inocentemente. Amanhã, à noitinha, encontrar-nos-emos de novo aqui, para darmos o cheque final. Adeus.

E retirei-me deixando os dois.

No dia seguinte, às 8 horas precisas da noite, estávamos de novo reunidos no quarto de Alberto Monte, à espera do noturno visitante que não se fez esperar.

Thomaz Coelho não conhecia a Alberto e só o vira uma vez, por isso não foi difícil ser burlado por mim, disfarçado o melhor que pude em Alberto Monte.

Recebi-o à porta e conduzi-o até ao meio do quarto, fazendo que fechava a porta do aposento, mas deixando-a encostada apenas.

— Não temos tempo a perder, disse ele. O senhor conhece o meu crime e pede pelo seu silêncio dois contos de réis, não é isto?

— Exatamente.

— E eu lh'os dando, promete-me que sairá do Pará para nunca mais voltar e que guardará segredo para sempre?

— Sim.

— Não revelará a ninguém que fui eu o assassino da minha mulher?

— A ninguém.

— Muito bem. Sendo assim, aqui estão os dois contos de réis. Pode-os contar.

Isto dizendo, depositou sobre a banca algumas notas de banco.

— Então o senhor confessa o seu crime?

— Para o senhor, de certo. Não foi testemunha de vista?

— Está enganado! Respondi dando um pulo para trás e apontando o revólver, enquanto que, sorratamente, o meu companheiro saía de detrás de um móvel, apontando-lhe outro.

— Está enganado! Chamo-me \*\*\*, sou da polícia e o senhor está preso, visto ter tido a patetice de nos confessar o seu crime hediondo.

O velho, alucinado, olhou para mim, volveu os olhos para o meu colega e, vendo ainda a porta abrir-se e dar passagem a praças de polícia, soltou um grito estridente, acompanhado de uma praga, girou sobre os calcanhares e caiu redondamente no chão.

— Acudam! Exclamei eu correndo para ele.

Alberto Monte, que também correra ao ouvir o estrondo da queda, exclamou:

— A aneurisma! Está morto!

— Que aneurisma?

— Na última entrevista de D. Júlia com o amante, no caramanchão, esta dissera aquele que o marido estava por pouco; que tinha uma aneurisma adiantadíssima e que um abalo forte o levaria deste mundo, ficando então os dois livres!

— Então foi isto: justiça acaba de ser feita!

De fato: a aneurisma rebentara e o velho estava morto. Eu, então, rapidamente, apontando o dinheiro que estava sobre a banca a Alberto, lhe disse:

— Ali tem o seu dinheiro. Fuja, enquanto é tempo e que eu não o veja mais!

O tratante não esperou mais nada; apossou-se das notas e desapareceu de tal forma que até hoje ninguém mais soube do seu paradeiro.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

AZEVEDO, J. Eustachio de. *Literatura Paraense*. Belém: SECULT- FCPTN, 1990.

\_\_\_\_\_. *Bellas artes: palestras literárias*. Belém, Livraria Carioca, 1920.

\_\_\_\_\_. *Antologia Amazônica*. Belém, 1904.

\_\_\_\_\_. *De capa e espada*. Belém: J. A. T. Pinto [19--?]. 189 p

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Memórias cartaginesas: modernismo, Antiguidade clássica e a historiografia da Independência do Brasil na Amazônia, 1823-1923*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, junho de 2009, p. 176-195. <http://www.scielo.br/pdf/eh/v22n43/v22n43a10.pdf>

MELÃO, Dulce. *Tradição e inovação na pena de John Ruskin e Alexandre Herculano*. s/d. [http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26\\_18.htm](http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26_18.htm)

REGO, Clovis Moraes. *A mina na Literatura Nortista de Eustáchio de Azevedo e n' "O Pará Literário" de Theodoro*

*Rodrigues*. Belém: Editora da UFPa, 1997.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.



Publique com a Editora Cabana:



[www.editoracabana.com](http://www.editoracabana.com)

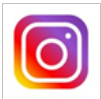
Envie seus originais para:

[gerald@editoracabana.com](mailto:gerald@editoracabana.com)  
[padovani@editoracabana.com](mailto:padovani@editoracabana.com)

Visite nossas redes sociais:

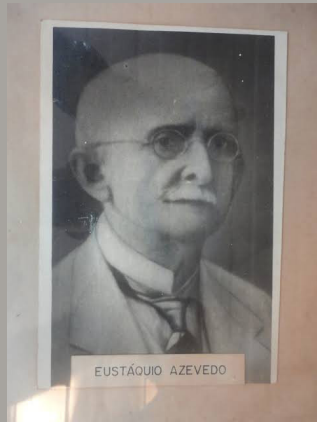


[www.facebook.com/editoracabana](http://www.facebook.com/editoracabana)



[www.instagram.com/editoracabana](http://www.instagram.com/editoracabana)

Valorize a literatura da Amazônia!



José Eustachio de Azevedo foi um dos mais influentes intelectuais paraenses da Belle-Époque, tendo sido redator-chefe do jornal *Folha do Norte* por várias décadas, além de escritor, crítico de arte e tradutor. *Casal de demônios* é uma novela policial publicada em *De capa e espada*, livro que se encontrava fora de catálogo desde 1917.



[www.editoracabana.com](http://www.editoracabana.com)